APLAUSO

ANO IV Nº 42

teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Theatro Musical Brazileiro 3

Superprodução mostra a época áurea do teatro de revista, de 1945 a 1962

Maria Zilda Bethlem

Jornal do Teatro ★ Peças em cartaz ★ Dinho Valladares ★ Flávio Marinho ★ Júlia Lemmertz ★ Matheus Nachtergaele ★ Moacyr Góes ★ Thereza Teller ★ Tônia Carrero ★ Tony Ramos

Às vezes basta um
gesto pro mundo
ficar em paz.
VISA
MasterCard
Clube
Ouro
Ourocard
Gold
BANCO DO BRASIL
7890
VISA
ANDREA L SOBRAL
Um gesto **Ourocard**
diz muito sobre você.
ob.com.br
Central de Atendimento
Ourocard 0800 990001

Porque rir é preciso...

Marco Nanini vai dividir com Guel Arraes a direção de *Noises Off*, de Michael Frein (autor de Copenhagen), com Louise Cardoso encabeçando o elenco. Nanini jura que a peça é uma obra-prima da comédia. A curiosidade fica por conta do cenário. No primeiro ato, os atores ensaiam um espetáculo. No segundo, o palco gira mostrando a coxia. *Noises Off*, ainda sem título em português, estréia no final de dezembro no Teatro Villa-Lobos. Para agendar desde já!

Vida de Cauby

Luís Fernando Guimarães e Hamilton Vaz Pereira voltam a se encontrar no ano que vem. Luís Fernando vai dirigir o musical sobre a vida de Cauby Peixoto, que será vivido por ele mesmo. Rodrigo Faour, que escreveu um livro sobre o cantor, será o responsável pela pesquisa.

Dança premiada

O Circuito Brasil Telecom de Dança vai ocupar o Teatro João Caetano dos dias 26 de setembro a 6 de outubro. Dez grupos de vários estados brasileiros apresentarão espetáculos premiados no Brasil e no exterior. O Intrépida Trupe abre a programação com uma performance acrobática, ocupando a calçada e o foyer do teatro.

Teatro e samba

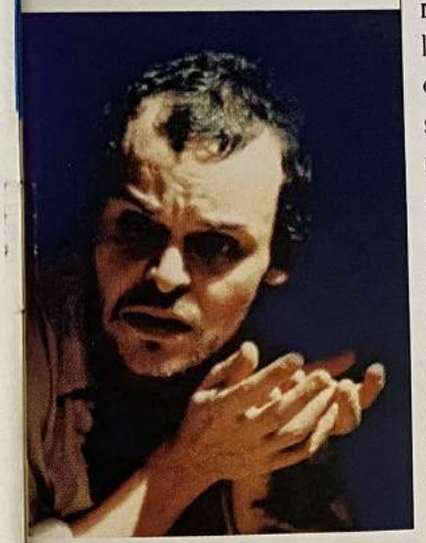
Uma casa em reforma na Rua do Mercado, centro histórico do Rio, foi preparada para acolher o recém-criado grupo O Pedras, no espetáculo *Restin*, concebido a partir de poemas de diversos autores. Nas noites de sexta-feira, a peça, que é gratuita, ganha suplemento extra: uma roda de samba liderada por Cristiane Cotrim, mestre do cavaquinho.

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Gráfica Primyl. Foto de Capa: Beti Niemeyer/divulgação.

O homem multifacetado



"Em todos os tempos, a renovação e a permanência do Teatro vêm de dois fatores, dos quais ele retira sua energia vital. Por um lado, o implemento das condições técnicas promove a pesquisa formal em cada época: novas condições de iluminação ou o conhecimento da mecânica hidráulica, por exemplo, modificaram para sempre a maneira de fazê-lo a partir de meados do século 19, quando Georg Büchner começa a nos dar suas peças. Por outro lado, a complexidade cada vez maior das forças sociais que atuam sobre o homem exigem que o Teatro crie também novas maneiras de escrever a realidade e retratar o homem contemporâneo. Este último dado é o que faz a obra de Büchner permanecer através das décadas. Tanto é assim que Woyzeck tem sido montada no mundo inteiro, adaptada também para o balé e a ópera, continuando sempre atual.

Em uma sociedade tecnológica e inumana, o homem não é mais uma unidade, mas um ser multifacetado, afetado por fatores socio-políticos sempre cambiantes. Assim, Büchner trabalha com a noção de fragmento: a realidade que aparece no palco é cheia de zonas obscuras, o que se diz é entrecortado por silêncios, os acontecimentos se sucedem aleatoriamente, formando um drama de farrapos. Por esse aspecto formal, pode-se dizer que Woyzeck é um texto fundador do Teatro Contemporâneo. O aspecto trágico é o que torna Büchner um autor permanente. São os expulsos da fome, da seca e da miséria que vêm pulular na periferia do nosso bem-estar. E nunca é tarde para se buscar a dignidade do ser humano. Os grandes autores do Teatro nos mostram no palco uma imagem das múltiplas forças sociais que entram em função para nos alienar. Por que continuarmos nos permitindo viver a mesma estória de Woyzeck quase duzentos anos depois da peça ter sido escrita?"

Matheus Nachtergaele, outubro de 2002

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

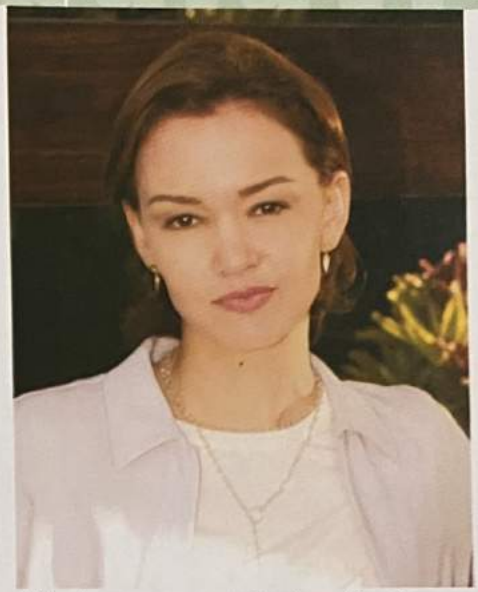
Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações
Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

UM PRESENTE QUE VAI EMOCIONAR...
Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 42

Júlia Lemmertz

O Patrocínio e a Tevê



Júlia: "as empresas particulares têm de apoiar o teatro"

Por que em São Paulo as salas de teatro estão sempre lotadas? Porque é onde as pessoas têm dinheiro. Nos últimos anos, as pessoas perderam um pouco o hábito de assistir uma peça, os ingressos ficaram caros e a violência aumentou. Mas em São Paulo também tem violência. Portanto, a questão do preço do ingresso ainda é muito importante.

Tudo seria mais fácil se houvesse um subsídio maior. As empresas particulares têm de apoiar o teatro, sim, porque é importantíssimo para a identidade cultural do país. Não importa se o governo não pode ou não quer.

Acho que o teatro brasileiro está se reinventando. Tem coisas ótimas acontecendo, como *Tempos de Paz*, do Bosco Brasil – que é um autor novo e interessantíssimo. Sem falar em Maria Adelaide Amaral, Domingos de Oliveira, Flávio Marcio, Mário Botolotto, entre outros.

E há montagens ousadas, como *Os Solitários*, dirigida pelo Felipe Hirsch. O Teatro João Caetano ficou lotado, na maior parte por pessoas que foram ver a Marieta Severo e o Marco Nanini do seriado *A Grande Família*. E saíram de lá chocados, ou extasiados, mas com alguma reflexão. Se a TV servir para encher a sala de teatro e trazer alguma reflexão, ela já cumpriu uma de suas funções. É o que aconteceu comigo e com o Alexandre (Borges, ator e marido). Encenamos *Eu Sei que Vou te Amar* em Portugal. Não era um caça-níquel, mas sabíamos que a maior parte estava ali para ver o 'casal da telenovela brasileira'. Desde a minha primeira peça, *Lição de Anatomia*, em 1981, até a última, *Casa de Boneca*, em abril deste ano, quase sempre conciliei teatro com tevê.

Acredito também em viajar com o teatro. Quando vamos para o Norte ou Nordeste, as pessoas querem ver as peças que só ficam em cartaz no Sul e Sudeste. Mas, para isso, seria preciso haver apoio do governo ou das empresas privadas."

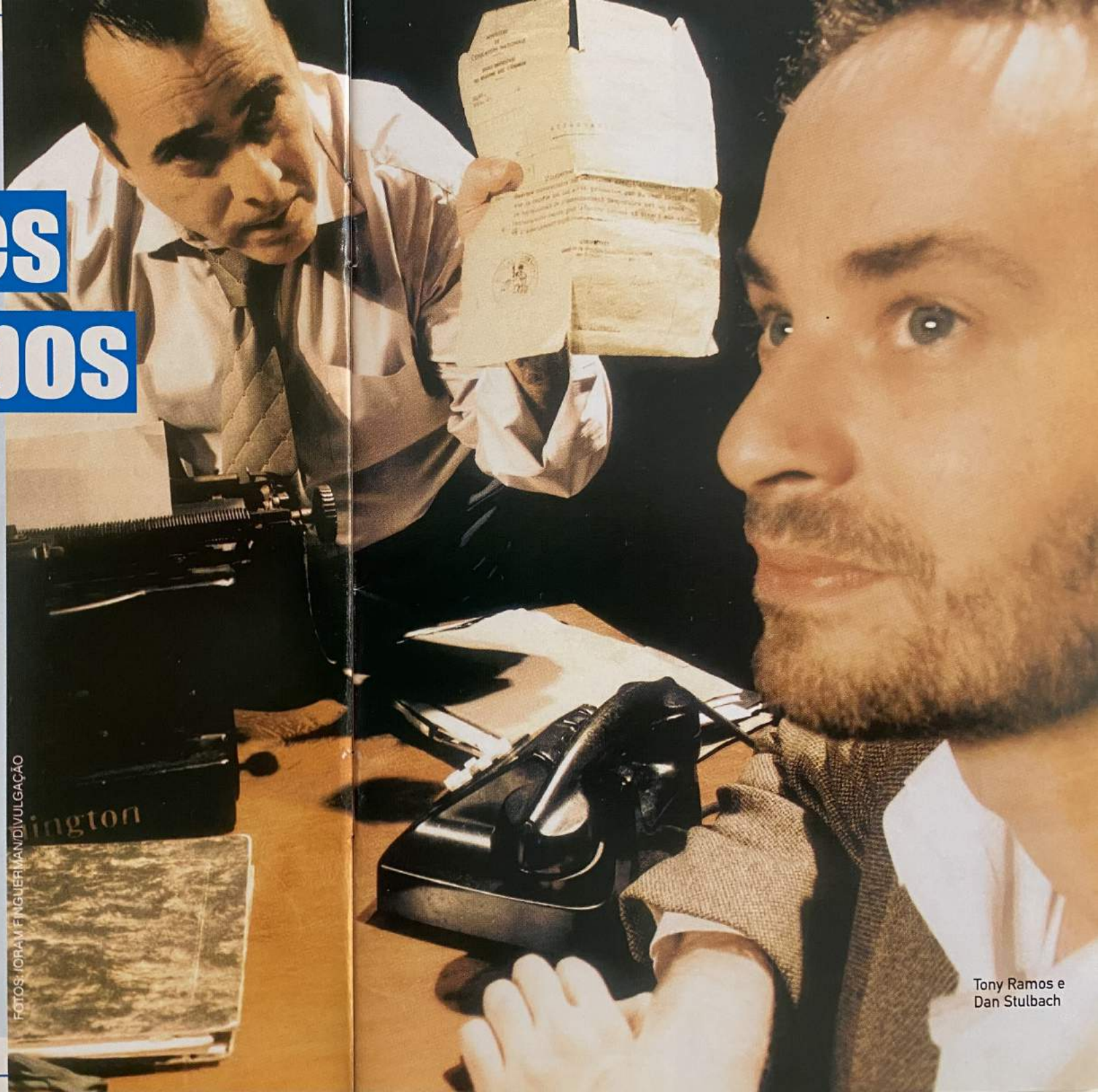
Novas diretrizes em tempos de paz

A história de um polonês que chega ao Brasil e recebe um pedido inusitado em troca de seu salvo-conduto: fazer um homem chorar.

Por Maria Lucia Rangel

Tony Ramos estava terminando de gravar a novela *As Filhas da Mãe* e lia alguns textos teatrais. Nesse meio tempo, recebeu do escritor Bosco Brasil três peças: *O Acidente*, *Os Carvoeiros* e *Novas Diretrizes em Tempos de Paz*. Acabou de ler a última chorando. Bosco iria estrear no Festival de Curitiba e a data era inviável para Tony,

FOTOS: JORAM FINGUERMAN/DIVULGAÇÃO



Tony Ramos e Dan Stulbach

"Levo muito a sério minha responsabilidade com o público, mas não me levo a sério e não acredito na fama. Sempre achei que o sucesso é primo-irmão do fracasso."
Tony Ramos

ainda gravando. Mas ele imediatamente avisou que poderia fazer o espetáculo no Rio. Ao lado de Dan Stulbach – desde o início, ainda em Curitiba, fazendo o polonês Clausewitz e indicado ao prêmio Shell de melhor ator – Tony faz temporada no Teatro Laura Alvim, dirigido por Ariela Goldmann.

O desafio

Em abril de 1945, o polonês Clausewitz (Dan Stulbach), fugindo da Segundo Guerra, chega à alfândega do porto do Rio de Janeiro em busca de um salvo-conduto para viver no Brasil. O responsável pela concessão do salvo-conduto é Segismundo (Tony Ramos), um funcionário prestes a perder o emprego e que exerceu no passado uma terrível função, revelada no decorrer na peça. Clausewitz, ator, quer ser agricultor no Brasil, onde chega já falando português, que aprendeu por conta própria. Mas é como ator que ele deve satisfazer Segismundo, que o desafia: "O senhor tem dez minutos para me fazer chorar", diz ele. "Segismundo faz o desafio porque precisa saber se ainda é humano, capaz de se emocionar", diz Tony. "O texto é um tributo ao teatro e uma tentativa de mostrar que é possível encontrar outros seres humanos dentro de nós."

Dan, que disputa seu primeiro prêmio profissional, é filho de poloneses. Quando começou a ensaiar brincou que, se existia um sotaque que não saberia fazer, era o de seus pais: "O trabalho do sotaque foi uma criação minha mesmo, entre intuição e técnica. E como a composição é muito detalhada, fui compondo o personagem aos poucos, sem me inspirar em ninguém. Preferi estudar fotos de Sebastião Salgado e Robert Kappa e, em uma outra linha, de Cartier Bresson."

A emoção

Mas o envolvimento do jovem ator é grande: "Ontem, por exemplo, terminei o espetáculo e fiquei ainda muito emocionado. Faço a peça há tempos e, mesmo assim, há uma entrega verdadeira. É impossível ficar à parte. É muito emoção. Você sai da água, mas sempre tem um pinguinho."

Não é somente Dan que concorre ao Prêmio Shell. Bosco Brasil é candidato pelo texto e Gianni Ratto pela iluminação.

Tony Ramos, que completou no dia 29 de julho 38 anos de tevê e teatro (estreou nos palcos em *Telescópio*, de Jorge de Andrade), diz que foi aos poucos substituindo a figura do galã de novelas por personagens com inquietações da alma. "Talvez até pela minha característica física, o que tenho que fazer é criar ruídos d'alma. Levo muito a sério minha responsabilidade com o público, mas não me levo a sério e não acredito na fama. Sempre achei que o sucesso é primo-irmão do fracasso."

"Faço a peça há tempos e, mesmo assim, há uma entreg verdadeira. É impossível ficar à parte. É muito emoção. Você sai da água, mas sempre tem um pinguinho."
Dan Stulba

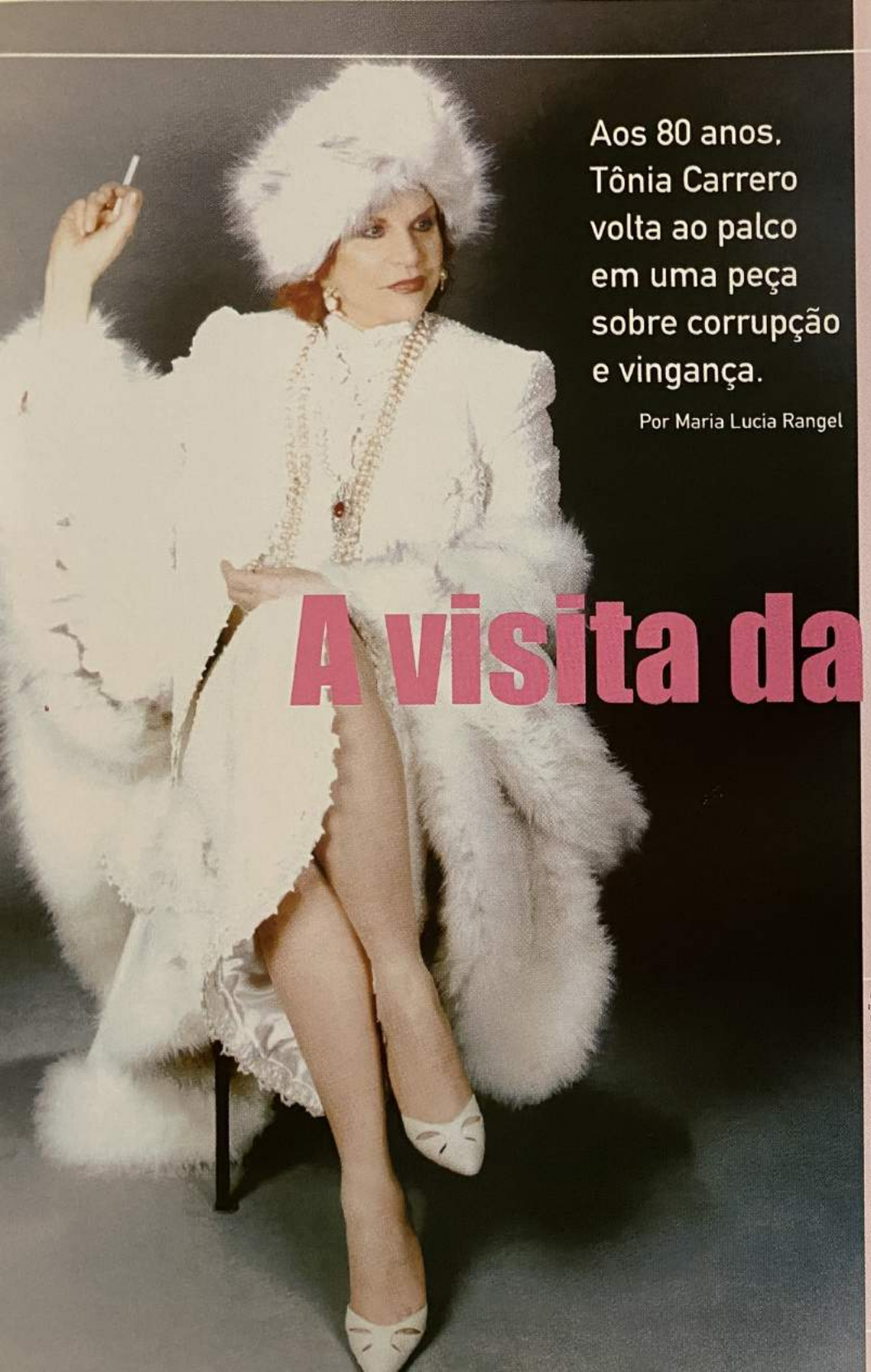


FOTO: MARISA ALVAREZ LIMA/DIVULGAÇÃO

Aos 80 anos, Tônia Carrero volta ao palco em uma peça sobre corrupção e vingança.

Por Maria Lucia Rangel

A visita da velha senhora

Tônia Carrero escolheu um clássico do teatro mundial para comemorar seus 80 anos. Depois de Cacilda Becker no palco, em 1962, e Ingrid Bergman no cinema, em 1964, Tonia é a Clara do ano 2002, personagem de Dürrenamatt na peça *A Visita da Velha Senhora*. Ela sobe ao palco do Teatro Nelson Rodrigues numa produção que envolve cerc a de 50 pessoas, entre direção, elenco, criação e técnicos.

Apaixonada por Clara, Tônia lembra que Adolfo Celi sempre sonhou dirigi-la em *A Visita da Velha Senhora*. Mas a produção cara e com grande elenco tornou o projeto inviável. Sonho possível este ano, a atriz não poupou esforços para reunir uma grande equipe: direção de Moacyr Góes, cenários de Hélio Eichbauer, iluminação de Maneco Quinderé, figurinos de Guilherme Guimarães e Biza Vianna. A trilha sonora é de Marcos Ribas de Faria.

Para subir com ela ao palco, Tônia diz que foi buscar a sua gente, "pessoas que começaram comigo. Éramos todos muito idealistas e não nos afastamos do nosso ideal de teatro, isso é que é bonito. Gente que tem o mesmo treino de teatro, de gostar dele e das grandes peças", diz empolgada, e cita o elenco. Carlos Alberto, que jura que desta vez se despede da carreira. Cláudio Correa e Castro, que desembarcou no Rio em 1955 para integrar o elenco de *Otelo*, na Cia Tônia, Celi e Autran. André Valli, Nelson Dantas, Fábio Sabag, Ivan Cândido, que trabalhou com Tônia em 1962, na peça *Tiro e Queda*. E Ivone Hoffman e os jovens Paulo Vespúcio e Leon Góes.

Sempre atual

A Visita da Velha Senhora mostra como o dinheiro corrompe a alma humana. É a história de Clara, mulher que volta à cidade natal 30 anos depois de ter sido expulsa, grávida. Tornou-se prostituta, casou-se com um magnata e volta riquíssima. Encontra a cidade arruinada e oferece ajuda para reconstruí-la. Mas pede algo terrível em troca: um ato de vingança contra Shill (Carlos Alberto), homem por quem foi apaixonada e causou todo o seu sofrimento ao não assumir a paternidade do filho.

O diretor Moacyr Góes não fez qualquer tipo de atualização porque considera a obra universal. "O texto é brilhante porque tem o lado do drama pessoal dos personagens e, ao mesmo tempo, possui traços que o aproximam do mundo globalizado."

O cenário criado por Eichebauer e iluminado por Quinderé mostra uma pequena cidade do pós-guerra na Alemanha onde o cinza é a cor predominante. A ausência de cores fortes acentua a chegada de Clara, num figurino luxuoso de Guilherme Guimarães. Biza Vianna, responsável pelos figurinos dos demais personagens, optou por roupas dos anos 30 e 40, apesar da história se passar nos 50. "Os personagens estão pobres e não compram roupas há tempos". Os demais 12 atores que compõem o elenco foram escolhidos entre os recém-formados nas escolas de teatro, vivendo outros 24 personagens.

Adorável Ricardo III

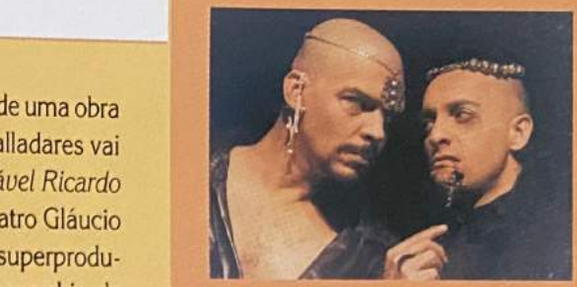
Shakespeare e a luta pelo poder e a ganância.

Por Maria Lucia Rangel

FOTOS: CHICO LIMA/DIVULGAÇÃO

Em sua terceira adaptação de uma obra de Shakespeare, Dinho Valladares vai tratar da ganância. *Adorável Ricardo III* estréia dia 11 de outubro no Teatro Gláucio Gill. São 26 atores em cena. A superprodução só foi possível porque a Companhia de Teatro Contemporâneo conseguiu patrocínio e 30 apoios, entre os quais do Teatro Municipal, que está emprestando roupas de época. Tentando chegar ao melhor esquema profissional, a Companhia criou até um site sobre a peça, além de camisetas e home-page.

Responsável pela direção e adaptação, Dinho tem conseguido montar mais de uma peça por ano desde 1999, ano da estréia de *Adorável Hamlet*, que discutia os caminhos que tomamos na vida e de que forma o destino nos leva a lugares diferentes daqueles idealizados por nós. No ano seguinte, o grupo montou *Adoráveis Romeu e Julieta*, em que era abordada a possibilidade do amor na sociedade atual, em meio à violência. Duas comédias depois – *Quando a Libido Ataca* e *O Abobalhado*, Dinho retoma Shakespeare. "É uma loucura o que as pessoas fazem por dinheiro e pelo poder. É só ver a campanha para a Presidência, com políticos contratando marqueteiros e falando mal dos oponentes", diz ele. *Ricardo III* é a peça de Shakespeare com o maior número de montagens.



A história

Ao ver Eduardo IV, seu irmão mais velho, assumir o reino, Ricardo, Duque de Gloucester e filho mais novo da casa de York, mata seu irmão do meio, George. Ricardo culpa o rei que, com a saúde debilitada, morre de desgosto. Ricardo é coroado, mas por pouco tempo. Na linha de sucessão, os filhos de Eduardo se aproximam da maioridade. Para não correr riscos, Ricardo planeja matá-los. Elizabeth, uma das filhas de Eduardo, foge para outro país e casa-se com Richmond, que reclama a coroa. Ricardo e Richmond travam uma batalha final e Richmond vence, frustrando os planos de Ricardo.

Dinho admite que fez uma adaptação muito louca, que terá na trilha sonora de Cazuza a Pink Floyd, passando por Frank Sinatra, funks e uma canção francesa. O cenário, idealizado pela companhia, é composto de dois andaimes, um trono giratório, dois barcos, duas estruturas laterais que permitem aos atores andar pelas paredes, além de cordas e trilhos, para o elenco voar sobre o palco e a platéia. Tudo dentro da linguagem punk do espetáculo, levando-a para um país imaginário.

Theatro Musical Brazileiro 3

(1945 a 1962)

Superprodução mostra a época áurea do teatro de revista.

Por Maria Lucia Rangel

No s anos 80, o diretor Luiz Antonio Martinez Corrêa conseguiu unanimidade do público e crítica com o projeto *O Theatro Musical Brazileiro*, que pretendia mapear a história do musical brasileiro desde 1860 até hoje. Nas suas duas primeiras e premiadas edições, o projeto cobriu até os anos 40. Luiz Antonio morreu sonhando com o terceiro musical, que cobriria a época áurea do teatro de revista, da metade dos anos 40 até 1962. Quinze anos depois, a atriz e produtora Maria Zilda Bethlem comemora 30 anos de carreira dando continuidade a este trabalho. Numa superprodução dirigida por Flávio Marinho, ela se apresenta no Teatro Scala.

FOTOS: BETI NIEMEYER/DIVULGAÇÃO

Resgate

Maria Zilda preferiu deixar de lado a idéia de chegar aos 30 anos de carreira fazendo um clássico da literatura inglesa e optou por algo bem brasileiro e novo em sua vida: o teatro de revista. Com ele estaria resgatando suas aulas de canto com a professora Fernanda Gianetti, o violão aprendido com Wanda Sá, o balé clássico da infância e as aulas de jazz com Lenny Dale, Vilma Vernont e Cláudio Tovar. "Quis fazer algo novo para mim, que nunca tinha visto e merecia ser retomado."

Foram meses de pesquisa de Maria Helena Martinez Correia, que serviu de base para o roteiro de Flávio Marinho, também o diretor: "Acabei selecionando esquetes e números musicais de 16 espetáculos, nos quais mexi pouco, criando desfechos, enxugando, aprimorando a carpintaria, já que em 50 anos as técnicas dramatúrgicas evoluíram. Na realidade, dei um acabamento. Mas o que Nélia Paula fazia em Palmeira do Mangue, por exemplo, agora com Zilda está exatamente como era."

Maria Zilda Bethlem em cena na superprodução dirigida por Flávio Marinho (abaixo)

Fidelidade

Flávio se preocupou o tempo todo em ser fiel ao tema e ao projeto de Luiz Antonio. "Em cena, temos alguns dos melhores esquetes e números musicais que passaram por revistas de gigantes do gênero, como Carlos Machado ou Walter Pinto. A partir da extensa pesquisa da Maria Helena, montamos uma única revista respeitando todos os ingredientes que fizeram a glória do gênero, como número de platéia, monólogo, crítica social, sátira política, *overtures*, apoteoses, escadaria, vedetes e caricatas. Tudo embrulhado para presente de luxo, com muito humor, malícia, duplo sentido, plumas, paetês e ôbas."

Os figurinos são de quem entende do gênero, Cláudio Tovar. O cenário é de José Dias. Além dos 13 atores no palco, seis músicos apresentam música ao vivo e 10 técnicos cuidam da luz, maquiagem, cenários e maquinaria.

Flávio define *Theatro Musical Brazileiro 3* como uma antologia, "uma retrospectiva cênica musical do que se fazia." É a nossa história resgatada.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A Filha da...

Comédia de Carlos Eduardo Silva sobre uma mulher que atira no marido e procura a ajuda da mãe. Direção: Elias Andreato. Com Marília Pêra, Nina Morena, Alexandre Barbalho e Luciana Coutinho. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terça e quarta, 21h30. R$25.

A Prova

Peça de David Auburn sobre o mistério da autoria de uma prova que promete ser uma descoberta fenomenal da matemática. Direção de Aderbal Freire-Filho. Elenco: Andréa Beltrão, José de Abreu. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui., sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

A Sombra do Negro

Texto e direção de Bruno Rodrigues. A partir das memórias do negro Fredo, o público fica sabendo da histórias de duas mulheres brancas e solitárias. Com Jorge Senra, Letícia Carvalho e Renata Rodrigues. **Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 2558-6350. Quarta e quinta, 19h. R$10.

A Visita da Velha Senhora

Comédia trágica de Dürrenmatt, mostrando a virulência com que o dinheiro corrompe a alma humana. Direção de Moacyr Góes. Elenco: Tônia Carrero, Carlos Alberto, Cláudio Correia e Castro, André Valli, Nelson Dantas, Fábio Sabag. **Conjunto Cultural da Caixa/Teatro Nelson Rodrigues** (Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2262-0942. De quarta a sábado, 19h30. Domingo, 18h. R$20 (qua., qui. e sex.) e R$25 (sáb. e dom.).

Adorável Ricardo III

Adaptação da peça de Shakespeare e direção de Dinho Valladares, contando a história de Ricardo, Duque de Gloucester, que planeja matar os irmãos para ficar com o trono. Com a Cia. De Teatro Contemporâneo. **Teatro Gláucio Gill** (Pça. Cardel Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 2547-7003. Quinta, 17h e 21h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Ai! Fugir, Casar ou Morrer

Peça de Raymundo Magalhães Jr. sobre a infidelidade conjugal. Direção de Luiz Osvaldo Cunha. Com Thais Portinho, Jorge Cherques, Marcelo Picchi e Luciana Fintenelle. **Teatro da Academia Brasileira de Letras** (Av. Presidente Wilson, 203, Centro). Fone: 2524-8230. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$15.

Aqui se Faz, Aqui se paga

Comédia musical sobre vidas passadas, de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Direção de Jorge Fernando. Com J.F., Duze Naccarati, Marcelo Barros. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui., sex., e dom.) e R$30 (sáb.).

Buda

Espetáculo solo de Clarice Niskier com texto da própria atriz, em que a personagem conta a história de uma mulher que busca a felicidade a qualquer preço. Direção: Domingos de Oliveira. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Caixa 2

Comédia de Juca de Oliveira sobre a realidade absurda vivida pelo brasileiro. Direção de Fauzi Arap. Com Mauro Mendonça, Oswaldo Loureiro, Cláudia Mauro. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$25.

Cidadezinha Qualquer

Adaptação de Pedro Antonio Paes e Walter Daguerre de pensamentos de Carlos Drummond de Andrade. São três temas: amor, memória e religiosidade. Direção de Amir Haddad. Com a Companhia Quadrilha de Teatro. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 01, Centro). Fone: 2563-4166. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Closet Show

Conclusão da trilogia de Marcelo Rubens Paiva sobre as relações amorosas, escrita com a colaboração de Ana Ferreira. Direção de Rafael Ponzi. Elenco: Cristina Pereira, Cláudia Ohana, Giuseppe Oristanio. **Sala Marília Pera do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone

2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Constellation: o musical

Com texto de Cláudio Magnavita, o musical faz uma homenagem aos anos dourados do Rio de Janeiro entre as décadas de 50 e 60. Direção de Eduardo Loyola. Elenco: Patrícia Levy, Adriana Quadros. **Café-Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$30.

E Daí, Isadora?

Texto de Eliza Maciel e Paulo César Feital sobre uma atriz que, no auge da carreira, recebe a visita de outra mulher famosa que a faz rever sua vida. Direção de Bibi Ferreira. Com Tânia Alves e Jalusa Barcellos. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 430, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Felizes da Vida

Comédia dramática sobre a classe média, de Jacobo Langsner. Direção de Victor Garcia Peralta. Com Lucélia Santos e Guilherme Leme. **Sala Vermelha doTeatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Hamlet é Negro

Leitura arrojada do diretor Antonio Abujamra sobre o clássico de Shakespeare, só com atores negros. Com Kadu Carneiro, Iléa Ferraz, Jorge Eduardo. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Ladrão que Rouba Ladrão

Comédia do inglês Ray Cooney sobre um homem que toma posse, acidentalmente, de um milhão e meio de dólares. Direção de Cyrano Santarém. Elenco: Débora Duarte, Roberto Pirillo, Rogério Fabiano. **Sala Azul do Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Novas Diretrizes em Tempos de Paz

A peça de Bosco Brasil se passa em abril de 45, na alfândega do Rio, onde chega um polonês fugindo da guerra. Direção de Ariela Goldmann. Com Tony Ramos e Dan Stulbach. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25.

No Círculo das Luzes

Comédia de Doc Comparato ambientada no século XVII, apresentando um fictício duelo entre dois gêneros teatrais: comédia e tragédia. Direção de Ulisses Cruz. Elenco: Pedro Paulo Rangel, Thiago Lacerda, Tetê Medina, Ana Kutner. **Teatro Maison de France** (Av. Pres. Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2262-7527. De quinta a domingo, 19h30. R$25 (qui. e sex.) e R$30 (sáb. e dom.).

O Doente Imaginário

Clássico de Molière sobre o rico e avarento burguês que sofre de hipocondria. Direção de Jacqueline Laurence. Com Bemvindo Siqueira, Suelly Franco, Nildo Parente. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

O Morto do Encantado Saúda e Pede Passagem

Comédia de Oduvaldo Vianna Filho que trata dos atropelos e dificuldades vividos por uma família. Direção de Bernardo Jablonski. Com Cico Caseira, Andréa Cavalcanti, Laerte Caetano. **Teatro O Tablado** (Av. Lineu de Paula Machado, 795, Jardim Botânico). Fone: 2294-7847. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Pois é, Vizinhas

Adaptação de *Uma Mulher Só*, de Dario Fo e Franca Rame, retratando o cotidiano simples de uma dona de casa classe média. Direção, adaptação e atuação de Deborah Finocchiaro. Ator convidado: Arthur Schreinert. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824 A, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15 (qui.) e R$20 (sex. e dom.).

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Por Mares Nunca Dantes

Poema de Geraldo Carneiro sobre Camões desembarcando no Rio nos tempos atuais. Direção de Moacyr Chaves. Com Tonico Pereira, Orã Figueiredo e Márcia Moraes, além de acrobatas. O espetáculo se passa no barco Tocorimé, ancorado na **Marina da Glória** (Av. Infante Dom Henrique s/n). Fone: 3185-1996. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25.

Theatro Musical Brazileiro 3 (1945 a 1962)

Projeto concebido por Luiz Antonio Martinez Corrêa, que pretendia mapear a história do musical brasileiro de 1860 até os dias de hoje. Roteiro e direção de Flávio Marinho. Com Maria Zilda Bethlem, Adriana Garambone, Carlos Loffler. **Teatro Scala** (Rua Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$ 30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Unha e Carne

Comédia romântica sobre os sentimentos e contradições de duas mulheres maduras, experientes e de personalidade marcante. Escrita e dirigida por Chico Azevedo. Elenco: Denise Del Vecchio e Lilia Cabral. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui.), R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Valsa na Varanda

Texto premiado de Sebastião Vicente dos Santos sobre o conflito entre a força da tradição e o desejo do novo. Direção de Monica Alvarenga. Elenco: Thereza Teler, Dedina Bernardelli e Flávio Antonio. **Teatro Glauce Rocha** (Av. Rio Branco, 179, Centro). De quarta a domingo, 19h, R$10 (qua.) e R$15 (qui., sex., sáb. e dom.). Estréia 11/10.

Woyzeck, o Brasileiro

Texto de Büchner, considerado uma das primeiras tragédias do homem alienado. Direção: Cibele Forjaz. Com Matheus Nachtergaele, Marcélia Cartaxo, Soia Lira, Nanego Lira. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046. De quinta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (dom.) e R$30 (sáb.).

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

A Prova

"Indico pelo desempenho excepcional de Andréa Beltrão numa peça que é, toda ela, extremamente tocante, comunicando-se muito bem com o público. A opinião não é só minha. Meus amigos e minha mãe também adoraram."

Malu Mader, atriz

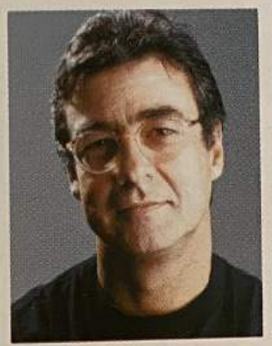
Caixa 2

"Uma peça que mostra a atualidade política e econômica com extremo olhar crítico e muito humor. Os presidenciáveis deveriam assistir."

Tadeu Aguiar, ator e cantor

Woyzeck, o Brasileiro

"É um texto atual e dramático, com uma concepção visual moderna e sedutora. O espetáculo é muito bonito."



Miguel Paiva, cartunista

O Morto do Encantado Saúda e Pede Passagem

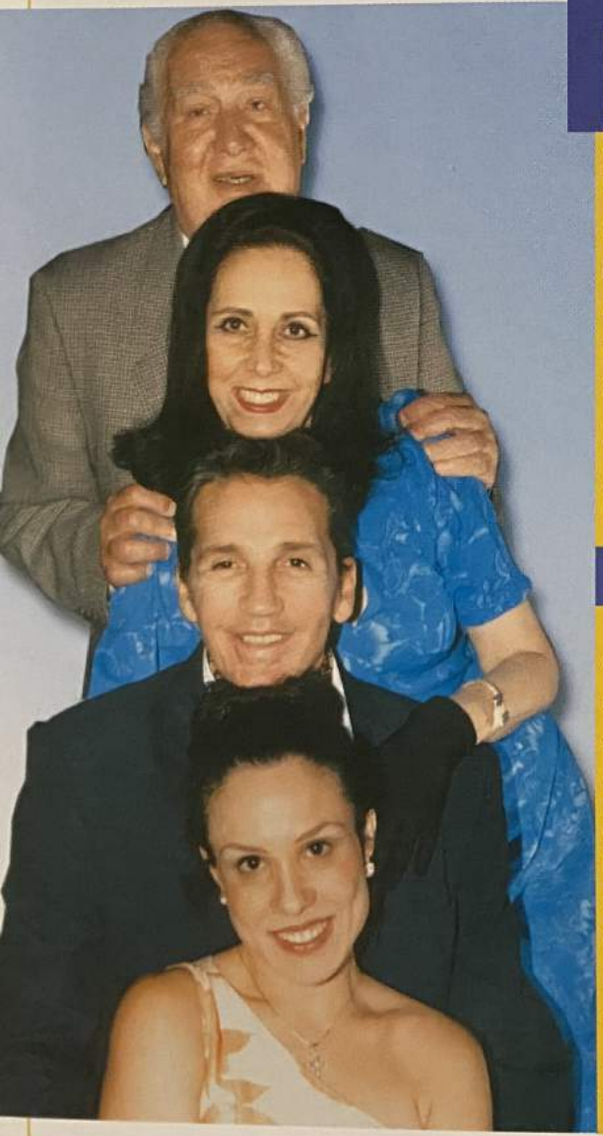
"Ouso dizer que o diretor Bernardo Jablonski é um mestre da comédia requintada."

Cláudio Lins, ator e cantor

Ai! Fugir, Casar ou Morrer

Ou as confusões que podem acontecer ao se marcar um encontro...

Por Maria Lucia Rangel



Depois de uma coletânea de cinco textos de Machado de Assis e Artur Azevedo, e também de *Capitu*, de Machado de Assis, o teatro da Academia Brasileira de Letras recebe a divertida comédia escrita por Raymundo Magalhães Jr., *Ai! Fugir, Casar ou Morrer*, que trata da infidelidade conjugal e do desejo da mulher jovem de se libertar da obrigação de se casar, optando pela independência por meio de um concurso para um emprego público. A produção é de Thaís Portinho, que também atua.

Comédia de costumes

Ai! Fugir, Casar ou Morrer se passa na Copacabana dos anos 50. E não precisou de qualquer atualização. A peça não existiria nos dias de hoje, já que trata das confusões ocasionadas por uma carta. Era uma época em que não existia telefone sem fio e celular. Conta a história de Nina (Luciana Fontenelle), uma estudante de Direito que recebe de um pianista famoso uma carta num envelope azul marcando um encontro de amor. Acontece que ela nunca viu o tal pianista. Sua tia Aurora (Thais Portinho), mulher madura e superprotetora, é casada com Jorge (Jorge Cherques), ciumento, sempre armado e desconfiado de que a mulher tem um amante. Rodolfo (Marcelo Picchi), quarentão bonito e pianista famoso, encontra-se constantemente com a mulher madura através de cartas azuis. Está formada a confusão. Aurora se atrasa para um encontro, Rodolfo vai à casa onde os bilhetes são entregues, Jorge segue Aurora e Nina se assusta com a chegada de Rodolfo, com quem é encontrada pelos tios. Jorge saca a arma e adverte: ou casa ou morre.

"É uma comédia de costumes muito parecida com as peças que vi em criança no Copacabana Palace", lembra Thais. "É sofisticada, picante, mas sem palavrões. Os cenários e figurinos são de época. Não estamos inventando nada, só mostrando um espetáculo que é também um documento dos anos 50".

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Valsa na Varanda

Duas irmãs mostram o conflito entre a tradição e o novo.

Por Maria Lucia Rangel

Texto premiado pelo Ministério da Cultura, *Valsa na Varanda*, do jornalista Sebastião Vicente dos Santos, estréia no Teatro Glauce Rocha dia 11 de outubro, dando continuação ao trabalho da produtora e também atriz do espetáculo, Thereza Teller, de lançar autores nacionais.

Radicado em Brasília, onde trabalha numa emissora de TV, o autor mantém um forte vínculo com suas raízes nordestinas. E é de Seridó, no Interior do Rio Grande do Norte, que ele guarda grande parte de suas lembranças e onde localizou a ação da peça, que mostra o conflito entre a força da tradição e o desejo do novo.

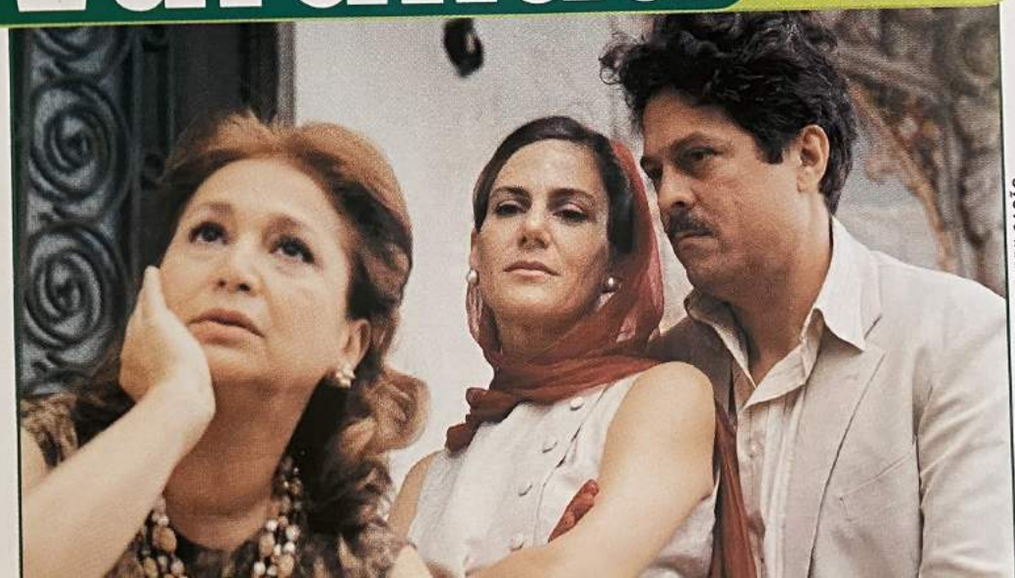
"Procurava uma peça quando li a sinopse de *Valsa na Varanda*. Pouco depois, numa leitura na Casa da Gávea, percebi que o público permaneceu atento. Esse interesse me deu mais vontade ainda de montá-la. Gosto de encenar novos autores nacionais porque, de modo geral, eles são sempre relegados. E como estou fora da mídia, já que não faço televisão, uma dificuldade a mais não faz diferença", diz Thereza.

Acerto de contas

Com três atores no elenco, a peça conta a história de duas irmãs, Soledade (Thereza) e Jandira (Dedina Bernardelli). Soledade, a mais velha, idolatra o pai e toda a tradição que ele representa. Jandira, mais jovem, quer conhecer a vida da cidade grande e, para realizar seu sonho, começa uma relacionamento com o engenheiro José Augusto (Flávio Antonio), que chegou ao lugarejo a trabalho. "Apesar de se passar nos anos 50 e 60", explica Thereza, "a peça é muito atual, porque a pequena cidade continua como era. Foi uma região muito rica que decaiu aos poucos."

As irmãs se espelham uma na outra. A mais velha perde os pais e continua mantendo a tradição num ambiente decadente. A mais nova, depois de 10 anos longe, volta à casa paterna. O reencontro das duas mostra um duro acerto de contas. A diretora, Mônica Alvarenga, foi quem indicou Dedina e Flávio Antonio à produtora. "Produzir e atuar é difícil porque, por incrível que pareça, é uma função antipática ao ator. Mas tive sorte. Os dois estão sendo muito legais", conta Thereza.

O cenógrafo José Dias fez um cenário simples e funcional: a varanda no casarão, com duas cercas. Para mostrar a deterioração mental da irmã mais velha, espalhou objetos do lado de fora da casa.



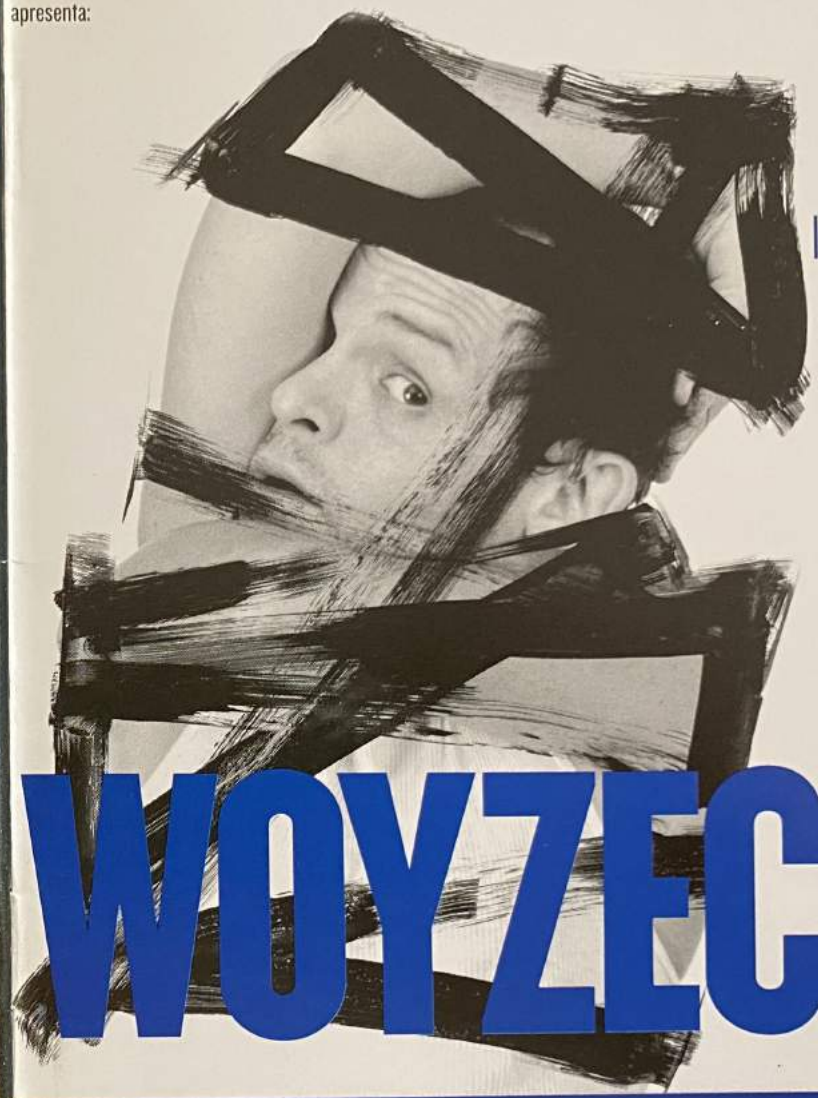
FOTOS: SILVIO POZATTO/DIVULGAÇÃO

Marília Pêra em *A Estrela Dalva*, 1987. Teatro João Caetano

BrasilTelecom
apresenta:

matheus nachtergaele

marcélia cartaxo
everaldo pontes
fabiano costa
leandro firmino da hora
michel melamed
nanego lira
nilton bicudo
rui polanah
servílio de holanda
soia lira



WOYZECK
O BRASILEIRO

do original de Georg Büchner
dramaturgia de Fernando Bonassi
para a direção de Cibele Forjaz
com produção de Matheus Nachtergaele e Miriam Juvino

TEATRO CASA GRANDE
rua Afrânio de Melo Franco 290 | Leblon | t: 2239 4046
quinta, sexta e sábado às 21 h | domingo às 20 h
Somente até 20 de outubro

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Multishow em Revista.
Você não vai cansar de aplaudir.

No Multishow em Revista, você encontra o making of de grandes espetáculos, entrevistas com personalidades, assiste a clipes em primeira mão e ainda confere as dicas da semana de shows, filmes, peças de teatro e artes plásticas. Multishow em Revista. Um programa que merece aplauso.

De segunda a quinta, às 21h45. E todo domingo, às 22h45, tem o Compacto da Semana.

multi show
CANAL GOBOSAT